

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Narrativas de uma vida, escritas da história: (re)pensando a exaltação biográfica da experiência modernista do escritor Luís da Câmara Cascudo

Francisco Firmino Sales Neto*

Resumo: Há algum tempo as biografias têm se constituído no novo filão historiográfico, sendo resignificadas como gênero da pesquisa histórica. Nesse sentido, as biografias passaram a ser entendidas como uma das maneiras possíveis de escrever história. Nosso trabalho pretende justamente examinar um capítulo biográfico, o do escritor norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo, referente à sua atuação intelectual nos anos de 1920, mostrando como sua experiência modernista foi tomada como eixo explicativo para toda sua obra. Esperamos evidenciar como a construção desse capítulo biográfico está intrinsecamente ligada à escrita histórica que a possibilitou e obedecendo aos interesses formulados pelos escritores que a produziu.

Palavras-chave: Biografia – Escrita da História – Luís da Câmara Cascudo.

Abstract: Lately, biographies have become a new trend in the historiographic market, being established as an aspect of historical research. In this sense, biographies are seen as a feasible way to write history. This paper intends to examine a biographical chapter in a norte-rio-grandense writer – Luis da Câmara Cascudo – related to his modernist experience, showing how his modernist experience has been taken as an explanatory guide to his work. We expect to evidence how the making of this biographical chapter is closely related to the historical writing that made it possible and attends the interests of those whose produced it.

Keywords: Biography – historical writing – Luís da Câmara Cascudo.

Recentemente, em julho de 2006, foi inaugurada uma exposição no Memorial Câmara Cascudo, em Natal, em memória dos vinte anos da morte do escritor norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo¹, que falecera a 30 de julho de 1986. A exposição intitulada *Câmara Cascudo 20 anos de encantamento*² foi orientada de modo a passar por toda a vida desse escritor. Curioso foi constatar que, na parte referente à década de 1920, havia uma foto de Mário de Andrade entre a foto do casamento de Cascudo com a jovem Dahlia Freire, ocorrido no ano de 1929, e a foto do jovem Cascudinho – como ele então era

* Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação “História e Espaços” da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

¹ Luís da Câmara Cascudo nasceu em Natal, a 30 de dezembro de 1898, e faleceu na mesma cidade, a 30 de julho de 1986. Autor consagrado, sobretudo como folclorista, atuou em diversas áreas do saber, dentre elas a literatura, como crítico literário – figura de saber que, por ora, mais nos interessa.

² Essa exposição, permanente, foi inaugurada nas dependências do Memorial Câmara Cascudo, no dia 24 de julho de 2006.

chamado – em sua biblioteca, que sugeria o início da sua atividade intelectual. Isso nos fez refletir acerca de algumas questões: 1) em que sentido a imagem do paulista Mário de Andrade foi colocada ao lado da representação de dois momentos tão importantes na vida de Câmara Cascudo, o seu surgimento para a escrita e a união marital com a sua “flor sem espinhos”³? 2) obedecendo a que princípios essas três fotos foram escolhidas como os momentos mais significativos para ilustrar aquela fase da vida de Câmara Cascudo? 3) por que o início da amizade entre os dois escritores foi destacado como um marco na biografia de Câmara Cascudo?

É exatamente isso o que acontece! A amizade entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade tem sido referência obrigatória em qualquer narrativa da vida de Cascudo. Escrever uma biografia sobre Cascudo é, antes de tudo, dizer que ele foi amigo de Mário de Andrade e, por isso, fora um escritor modernista de “primeira hora” (LIMA, 1978). Analisar a década de 1920 no Rio Grande do Norte, em seus aspectos culturais, é quase que exclusivamente tratar da aproximação de Câmara Cascudo com o Movimento Modernista, através da influência de Mário de Andrade (ARAÚJO, 1995). Estudar esse momento na história do Rio Grande do Norte, utilizando Câmara Cascudo como ponto de observação, segue o mesmo caminho: constata-se que a cidade do Natal começou a se modernizar e que, no âmbito cultural, essa modernização veio acompanhada de idéias literárias modernistas trazidas por Cascudo.

As teias dessa trama discursiva são tão fortes que é praticamente impossível algum autor dela escapar. Por mais que se tente evitar, acaba-se reproduzindo esse discurso. A tal ponto que o Memorial Câmara Cascudo – órgão que abriga o acervo do escritor e que é administrado pela família Cascudo – também concentra suas explicações na atuação modernista de seu patrono, vide, por exemplo, a exposição citada. Deste modo, reproduz-se para Cascudo uma memória cristalizada de sua experiência modernista que, ao exaltá-lo, o insere no rol dos “grandes escritores modernistas” e que, em contrapartida, apaga outras experiências culturais ocorridas naquele momento, notadamente as influências do Movimento Regionalista-Tradicionalista, de Gilberto Freyre. Nesses enunciados Cascudo aparece como modernista e nada mais.

Mas será que diante da sabida multiplicidade inerente ao indivíduo, sobretudo um sujeito que experimentava a tensão do advento da modernidade em uma cidade provinciana, explicá-lo unicamente através do modernismo não seria uma atitude reducionista, não apagaría todas as suas contradições, todos os seus pontos conflitantes? Essa nova questão nos

³ “Flor sem espinhos” era a maneira carinhosa como Cascudo se referia a sua esposa Dhalia. Como sabemos, Dália é o nome de uma bela flor, sem espinhos.

fez suspeitar da naturalidade da imagem modernista de Câmara Cascudo, levou-nos a questionar os argumentos que a sustentavam. Em decorrência dessa suspeita decidimos analisar esse capítulo biográfico cascudiano, voltando à década de 1920 para verificarmos o provável momento em que essa narrativa foi engendrada e que princípios a norteava.

Nesses termos, fomos aos arquivos consultar a documentação, principalmente cartas e jornais e revistas de Natal e Recife.⁴ E, como esperávamos, não encontramos o Cascudo modernista nos termos e nos traços elencados pelos estudos que, antes, haviam nos servido de ponto de partida para iniciarmos nossa pesquisa, particularmente os trabalhos de Veríssimo de Melo, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e os de Humberto Hermenegildo, professor do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Então, as informações a seguir são algumas das constatações oriundas dessa documentação e que apontam para a dimensão histórica do gênero biográfico, do qual a vida de Câmara Cascudo, em meu entender, pode claramente exemplificar, demonstrando que mesmo às narrativas de vida há implicações e necessidades do presente que a produz e a efetiva.

A primeira constatação divergente que localizamos foi que Câmara Cascudo não fora um modernista de primeira hora, ao contrário, foi um modernista de última hora. Em termos de postura assumida e de estilo de escrita, Cascudo só pode ser rotulado exclusivamente como modernista, assim como querem seus biógrafos, nos seus textos de 1928 e 1929, quando nitidamente demonstra ser um modernista preocupado em se afirmar entre seus pares. Antes disso, havia nele uma liberdade de escrita e pensamento que passava por uma erudição clássica, um passadismo regionalista e, claro, também por visões futuristas. Assim sendo, seu pensamento, como o de qualquer outra pessoa, escapa às demarcações que o tentam definir e limitar. Chegar a essa conclusão só aumentou o nível de complexidade de nosso trabalho, pois como poderíamos explicar o fato dos biógrafos escolherem dois únicos anos (1928 e 1929) para representarem toda uma década?

A solução encontrada para resolver essa questão foi ampliar nosso corte cronológico que, a princípio, ia de 1918, com o início da atividade intelectual por Cascudo, até 1929, com a visita de Mário de Andrade a Natal. Decidimos, então, consultar em jornais e revistas das décadas seguintes a agitação literária dos anos de 1920, uma vez que eram nas páginas dos jornais e revistas que as informações sobre Câmara Cascudo eram veiculadas e

⁴ Dentre os inúmeros documentos consultados, destacamos as correspondências trocadas por Cascudo com Gilberto Freyre e Mário de Andrade; os jornais potiguares *A Imprensa*, *A República* e *A Notícia*; os jornais pernambucanos *Diário de Pernambuco*, *Jornal de Comércio* e *Jornal Pequeno*; as *Revista do Centro Polymathico* (RN), *Revista de Pernambuco* (PE) e *Revista do Brasil* (SP), dentre outras.

em virtude de ainda não haver biografias de Cascudo publicadas na época para a qual estávamos focados.

A primeira informação nova e importante que essa documentação trouxe foi a verificação de que até a década de 1970 era em torno do regionalismo que a atuação literária de Câmara Cascudo nos anos 20 podia ser explicada. Os jornais e revistas consultados mal se referiam à aproximação de Cascudo com o Movimento Modernista e pouco se utilizavam desse evento quando o biografavam. Por outro lado, o regionalismo era o viés explicativo para a vida e a obra cascudiana. A título de ilustração podemos citar um trecho de uma notícia publicada no jornal natalense *A República*, em 09 de fevereiro de 1960. Assim escreveu o autor da notícia:

Definida e marcante é, sem favor, do panorama da inteligência brasileira, a posição que ocupa o historiador eminente, o folclorista consagrado e o etnólogo ilustre que se chama Luís da Câmara Cascudo. Figura excepcional, de humanista e sábio, sobretudo no terreno das investigações históricas e dos estudos folclóricos, ainda que se proclamadas renitências provincianas, e por isso preso pelas raízes de saudável regionalismo a ambiência nordestina em que se formou, e a que dá relevo e lustre, nem assim, porém, passou Luis da Câmara Cascudo muito tempo ignorado no seu “habitat” (ÍNTEGRA, 1960).

Portanto, ao narrarem a história da vida de Câmara Cascudo seus biógrafos que escreveram entre as décadas de 1930 e 1970 o articulavam, como no exemplo acima, com o Movimento Regionalista. A explicação é muito simples. Todas as narrativas eram feitas por intelectuais e jornalista locais que dialogavam fortemente com intelectuais e jornalistas pernambucanos, especialmente com os regionalistas-tradicionistas Mário Melo e Gilberto Freyre. A articulação entre o jornalismo e a intelectualidade norte-rio-grandense com a pernambucana pautava essas narrativas, determinando quais elementos eram citados nas crônicas dos jornais nos quais pesquisamos. As explicações oriundas de Recife, onde o regionalismo era exaltado, uma vez transpostas para Natal serviam para esclarecer a atuação literária de Cascudo nos anos de 1920. Recife e Gilberto Freyre, pois, eram as referências quando se abordava essa questão.

Nesse sentido, as biografias aparecem como uma escrita datada e, portanto, historicizável. Até aproximadamente o final da década de 1970 o regionalismo era o discurso dizível para a escrita da história da vida de Câmara Cascudo. Mas, ainda assim, não encontramos aí as explicações para o porquê dos anos de 1928 e 1929 serem generalizados

para toda a década de 1920. Essa elucidação só foi alcançada com a documentação das décadas de 1980 e 1990. Documentação essa que, curiosamente, foi também produzida pelos autores nos quais fizemos a leitura inicial sobre o tema. De bibliografia os trabalhos de Veríssimo de Melo e de Humberto Hermenegildo passaram a ser fontes.

Nos artigos em jornais da década de 1980 há uma livre movimentação das explicações, ora centradas no regionalismo, ora no modernismo. Porém, já podíamos identificar nesses textos uma tentativa de fazer o modernismo se impor como enunciado principal e de maior importância para os primeiros estudos cascudianos. O verbo é exatamente esse: impor. Aos poucos o regionalismo vai sendo apagado das crônicas publicadas pelo jornal *A República*. E, rapidamente, o modernismo vai sendo posto a funcionar nesses lugares que haviam sido esvaziados de sua significação.

Em termos teóricos, não houve uma mudança metodológica das narrativas centradas no regionalismo para as centradas no modernismo. Essas pequenas biografias permaneceram em sua postura tradicional: ênfase nas continuidades, na coerência individual, no relato exemplar, etc. O que ocorreu foi uma modificação de enunciados. Novos elementos passaram a ser agenciados para explicar os mesmos contextos, muito embora os fins tenham se mantido os mesmos: exaltar Câmara Cascudo e agrupá-lo a algum movimento literário importante. A partir de então, começamos a mapear as condições de possibilidade que estabeleceram o modernismo como discurso único e absoluto para toda a década de 1920 no Rio Grande do Norte.

Fica claro nos artigos de jornais, da década de 1980, que seus autores haviam feito uma leitura retrospectiva e anacrônica da agitação literária dos anos 1920, no Rio Grande do Norte. A década de 1920 era lida com as projeções e perspectivas dos autores contemporâneos a 1980, e não na sua própria historicidade. Assim sendo, os vários escritores dessas biografias de jornal às quais estamos problematizando partiam de um Movimento Modernista extremamente consolidado, altamente estudado e demasiadamente divulgado. Diante da imensa propaganda realizada pelos jornais acerca de um “vitorioso” movimento pela renovação das letras nacionais, o modernismo assumiu uma posição de destaque, merecendo atenção da intelectualidade local.

Então, a cidade do Recife, Gilberto Freyre e o regionalismo deixaram de ser referências para a obra de Câmara Cascudo, em nome da cidade de São Paulo, Mário de Andrade e o modernismo, que agora passavam a atestar, ou pelo menos a elevar, o valor dessa obra. Isso aconteceu em um momento em que a cidade do Natal buscava afirmar-se, mostrar-se cosmopolita, de maneira que São Paulo passou a ser o ponto de inspiração e de irradiação

cultural. Então, exaltar Mário de Andrade e aproximá-lo de Câmara Cascudo, também enaltecia o escritor norte-rio-grandense e, concomitantemente, aproximava Natal de São Paulo. Inserir Cascudo no panteão dos grandes escritores modernistas era, também, fazer com que Natal tivesse um representante no já sabido principal movimento artístico-literário ocorrido no Brasil, durante o século XX. Não obstante, a intelectualidade norte-rio-grandense, cujo nome de Cascudo era e continua a ser o mais destacado, percebera ter um trunfo em suas mãos, podendo requerer um espaço para si nesse movimento.

Claramente influenciadas pelos desdobramentos do modernismo ao longo dos anos, essas narrativas foram criando regularidades que as consolidou: a principal é que a década de 1920 passou a ser a época em que Cascudo e Mário de Andrade se conheceram e implantaram as idéias modernistas no Rio Grande do Norte. Por conseguinte, os anos de 1928 e 1929, quando Cascudo confessadamente se portou como modernista, foram tomados como marcos em sua obra e foram generalizados para esse capítulo de sua biografia.

Eis, assim, os motivos para essa atitude generalizante: uma tentativa de inserir a cidade do Natal e seus intelectuais no Movimento Modernista e o intuito de elevar o prestígio de Câmara Cascudo junto a esse movimento. Porém, há um terceiro motivo – talvez o mais importante: o lugar de fala dos autores que produziram esses enunciados, em especial os escritos mais recentes, de Veríssimo de Melo e de Humberto Hermenegildo.

Como membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Veríssimo de Melo manteve plena aproximação com o discurso exaltador do modernismo. Foi nessa condição que ele sistematizou as informações existentes acerca da participação de Luís da Câmara Cascudo no Movimento Modernista e as transformou em livro. Seus argumentos configuram o que ele chamou de uma “tese modernista”:

Sabe-se que Cascudo foi um dos animadores do Movimento no Rio Grande do Norte, ao lado do único poeta que se destacou como pioneiro das novas idéias no nosso Estado - Jorge Fernandes.

Cascudo foi amigo íntimo e cordial de Mário de Andrade - líder nacional do movimento paulista - tendo mantido com ele assídua e copiosa correspondência.

(...).

O plano da obra folclórica [de Cascudo], portanto, foi opção que lhe ocorreu durante a efervescência do Movimento Modernista de 1922, que o iria ocupar pelo resto da existência (MELO, 1986).

Não obstante, o professor e pesquisador da história da literatura norte-rio-grandense da UFRN, Humberto Hermenegildo, com maior firmeza de argumentos e interpretações aprimorou os estudos de Veríssimo de Melo. São os trabalhos de Hermenegildo que, atualmente, orientam e determinam as explicações sobre a vida e a obra de Câmara Cascudo nos anos 1920, tendo sido inclusive o suporte para a montagem da exposição *Câmara Cascudo 20 anos de encantamento*:

(...) pode-se afirmar que as duas grandes vertentes literárias oponentes e/ou complementares uma a outra, existentes no Nordeste brasileiro, tiveram manifestação no Rio Grande do Norte. No entanto, foi a vertente modernista a que encontrou neste Estado a possibilidade de se manifestar de forma mais organizada, devido ao surgimento da figura de Luís da Câmara Cascudo, numa conjuntura diferente daquela anterior, que era dominada pela oligarquia representante da economia açucareira e que, certamente, seria mais propícia ao fortalecimento da vertente regionalista (ARAÚJO, 1995:44).

Deste modo, nós temos dois autores conhecedores da história da literatura, consolidando a ruptura enunciativa da biografia de Câmara Cascudo. São os estudos de Veríssimo e de Hermenegildo que, nos dias de hoje, mantêm essa interpretação naturalizada e atuante: Cascudo teria sido modernista e nada mais. Com efeito, a atuação de Cascudo no Movimento Regionalista-Tradicionalista do Recife e no Fraternalismo Intelectual da Argentina⁵, por exemplo, não mais aparecem em qualquer texto ou representação que enfoque esse momento de sua vida, embora tenham ocorrido nessa mesma época.

Isso pode ser verificado na exposição *Câmara Cascudo 20 anos de encantamento*, que ainda está ocorrendo nas dependências do Memorial Câmara Cascudo, em Natal. Ao escolher os aspectos mais significativos de cada momento da vida de Cascudo, os organizadores da exposição selecionaram para a década de 1920 aqueles eventos que teriam marcado a vida do homenageado: o surgimento do escritor, o casamento e o início da amizade com Mário de Andrade. É óbvio que existe nessa escolha um cunho didático e uma intenção de ilustrar aquilo que se considera necessário saber, aquilo que nossa época determina como significativo. Porém, esse ato de escolha não deixa de ser um posicionamento não problematizado diante da ordem discursiva e biográfica que tem por fim último exaltar a experiência modernista de Câmara Cascudo. Atualmente, já se esboçam biografias históricas

⁵ O Fraternalismo Intelectual foi uma tentativa dos escritores brasileiros em manterem aproximação com os escritores argentinos, durante a década de 1920. Nesse sentido, como mostra o jornal *A Imprensa* (RN) da época, Cascudo manteve contatos com vários escritores “hermanos”.

sobre Luís da Câmara Cascudo com as implicações teóricas e metodológicas que esse gênero de escrita atualmente solicita – implicações que não vêm ao caso agora. Mas o importante é perceber que parece estar surgindo um terceiro momento na biografia cascudiana, calcada em novos princípios historiográficos e obedecendo a eixos explicativos mais amplos.

Sendo assim, por mais que essas duas versões interpretativas para a vida de um mesmo sujeito se complementem, cada uma delas teve um momento histórico específico de validade e aplicação. Genericamente, entre as décadas de 1930 e 1970, o eixo explicativo era o Movimento Regionalista-Tradicionalista, e a partir da década de 1980 o Movimento Modernista passou a ocupar a linha explicativa.

Traçar esse processo contingente, de reformulação de enunciados e dos interesses que os determinavam, é pensar a própria dimensão histórica desse tipo de escrita. A biografia é um tipo de escrita da história e, como tal, evolui e retrograda à medida que os anseios e as expectativas de quem as produz são alterados. Nesse sentido, cada época determina e utiliza os princípios teóricos que respondem às suas necessidades e selecionam os eventos que mais explicitam suas narrativas.

No exemplo de Câmara Cascudo, particularmente, fica notória a mutabilidade existente no discurso historiográfico. Se a história pressupõe mudança, as narrativas de vida são bons exemplos dessas variações. Por mais que se tente estabelecer um fio condutor para construir um relato sobre a vida de algum sujeito, ao tocarmos nesse fio perceberemos que ele é composto por vários outros fios trançados, permitindo outros meios de interpretá-lo. Portanto, assim como qualquer outro tipo de escrita da história, as biografias estarão sendo repensadas continuamente, permitindo novas interpretações sempre que a noção de história e as condições de quem escreve forem alteradas.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: Ed. da UFRN, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 183-191.

INOJOSA, Joaquim. **O movimento modernista em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Graf. Tupy, 1968/1969. v. 1 e 2.

ÍNTEGRA da indicação de Câmara Cascudo para a Academia Brasileira de Letras. **A República**, Natal, 09 fev. 1960.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 167-182.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo**, um brasileiro feliz. Natal: RN Econômico, 1978.

MELO, Veríssimo de. A obra folclórica de Cascudo. **A República**, Natal, 26 out. 1986.

_____. **A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil**. 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1998. (Coleção Mossoroense, série B, n. 1480).